

diálogos

no espaço democrático



EaD

NOVAS REGRAS DO ENSINO À DISTÂNCIA SÃO RETROCESSO



Conversa com

WILSON RODRIGUES

Diretor-geral da
Faculdade do Comércio
de São Paulo



diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD



Para assistir ao vídeo, aponte a câmera do celular para este código

MEC CEDE AO SINDICALISMO NO NOVO MARCO REGULATÓRIO DO EAD

O decreto do governo federal que institui o marco regulatório da Educação à Distância (EaD) no Brasil despreza as tecnologias do século 21 e olha para o passado com o propósito de atender sindicatos e órgãos de classe de professores, corporações mais preocupadas com o próprio *status quo* que com os benefícios para os alunos.

Essa crítica ácida ao Decreto nº 12.456/2025, que aumenta a exigência de carga horária presencial no EaD, é do diretor-geral da Faculdade do Comércio de São Paulo (FAC-SP) e integrante do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, **Wilson Rodrigues**.

Em palestra sobre o tema feita em reunião do Espaço Democrático em junho de 2025, ele afirmou que o decreto deveria incorporar todas as novas tecnologias para criar um marco regulatório moderno. “Deveria tratar de Inteligência Artificial e todas as outras ferramentas digitais que possam estimular nos jovens habilidades de criatividade e inovação, essenciais no mundo em que vivemos, como se faz no Vale do Silício, na China e na Coreia do Sul”, disse. Em vez disso, segundo ele, preferiu atender ao corporativismo sindical: “Dos 45 artigos do decreto, apenas dois tratam de ferramentas e materiais didáticos digitais, o que revela o olhar no retrovisor do Ministério da Educação neste processo”.

Esta é a íntegra daquela palestra. Boa leitura.

Participaram da reunião do Espaço Democrático, coordenada pelo jornalista **Sérgio Rondino**, o superintendente da fundação, **João Francisco Aprá**, os economistas **Luiz Alberto Machado** e **Roberto Macedo**, os cientistas políticos **Rubens Figueiredo** e **Rogério Schmitt**, o sociólogo **Tulio Kahn**, os gestores públicos **Andrea Matarazzo**, **Mário Pardini** e **Januario Montone**, o professor pós-doc da USP **José Luiz Portella**, o médico sanitário e ambientalista **Eduardo Jorge**, o advogado **Roberto Ordine**, a secretária do PSD Mulher nacional, **Ivani Boscolo**, o coordenador do PSD Movimentos, **Ricardo Patah**, e o jornalista **Eduardo Mattos**.



Sérgio Rondino - Este é mais um programa *Diálogos no Espaço Democrático*, da fundação para estudos e formação política do PSD, o Partido Social Democrático. Hoje nós vamos tratar do novo Marco Regulatório do EAD, o Ensino à Distância, que são as regras determinadas recentemente pelo Ministério da Educação para esse tipo de ensino no Brasil. São regras que vão provocar importantes alterações no EAD, afetando escolas e estudantes de todo o Brasil.

Para conversar sobre esse tema com os consultores, acadêmicos e especialistas que se reúnem semanalmente no Espaço Democrático, nós convidamos o diretor-geral da Faculdade do Comércio de São Paulo, **Wilson Rodrigues**. Ele também é vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo, membro do Conselho Estadual de Educação e diretor da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior.

Wilson Rodrigues, seja muito bem-vindo ao Espaço Democrático.



Wilson Rodrigues - Quero agradecer a todos os membros deste fórum, que me parece absolutamente adequado para discutir o que, para mim, é o tema mais importante para um País ainda com seríssimas mazelas sociais, país em desenvolvimento que é o Brasil. Então, quero agradecer ao Espaço Democrático na figura do amigo Andrea Matarazzo,

que foi quem gentilmente deu a ideia para que eu estivesse hoje aqui. E também quero saudar o nosso queridíssimo - eu digo que ele é o professor dos professores - Roberto Macedo, meu colega na direção da Faculdade do Comércio de São Paulo.

O Ministério da Educação divulgou um novo Marco Regulatório da Educação à Distância. Isso é algo

que começou em junho do ano passado, por meio da portaria 528, que foi a que suspendeu a criação de novas faculdades e novos cursos que operam a Educação à Distância. Para que nós tratemos deste assunto, eu não posso deixar de falar sobre um contexto geral, tanto da educação quanto da tecnologia - afinal de contas, não é possível falar de Educa-

ção à Distância sem falar de tecnologia. E depois eu passo para, propriamente, as regras do MEC e aquilo que eu considero o futuro da educação, não só no Brasil, mas no mundo.

O pano de fundo de toda essa história do novo decreto da Educação à Distância se dá nisto que eu e uma série de estudiosos sobre o tema - sociólogos, historiadores, antropólogos - identificam como o admirável mundo novo. E o impacto deste admirável mundo novo, que é o mundo da tecnologia, o mundo "figital", que é essa intersecção entre o mundo físico e o digital. Há inclusive especialistas que chamam de meta-realidade, que é esta intersecção entre os dois mundos e o impacto deste admirável mundo novo, deste mundo "figital", na educação.

Eu vou fazer um pequeno apanhado histórico até chegar nisso que a gente chama de quarta revolução tecnológica. Eu falo sobre isso justamente porque esta quarta revolução industrial tem um impacto muito forte na educação.

A primeira revolução tecnológica se dá lá no século 18, em 1760, mais ou menos, que é quando o homem cria a tecnologia a vapor. O que muda isso? Muda tudo. Todos os meios de produção, os transportes, a logística, criou-se a linha de produção, coisa que não existia até então. Os transportes no mundo foram impactados brutalmente.

Quando a gente estuda História, verifica aquelas caravelas que levavam três, quatro, cinco meses para cruzar os oceanos. Com a tecnologia a vapor, passamos a fazer o transporte intercontinental muito mais rápido.

Cem anos depois, portanto em 1860, veio a segunda revolução industrial, baseada no petróleo, nos combustíveis. E mais uma vez nós vimos o mundo mudar brutalmente. Então, tudo aquilo que foi otimizado na primeira revolução industrial foi melhorado nessa segunda revolução industrial. As linhas de produção se tornam muito mais rápidas, os transportes muito mais rápidos, etc.

Em 1960, portanto mais 100 anos depois, nós tivemos a terceira revolução industrial, que é a da informática. E aí, mais do que propriamente a indústria, existe um impacto muito forte da tecnologia no setor de serviços. Surgem aqueles sistemas de gestão informatizados, os famosos ERPs. Além de impactar a indústria, a informática também passa a impactar o mundo dos serviços.

No início dos anos 2000 - 2005, 2010 - surge a quarta revolução industrial. O que é essa quarta revolução? É a integração entre o mundo virtual e o mundo real. Cada vez mais nós teremos dificuldades de entender qual é a diferença entre o mundo virtual e o mundo físico. Por que isso foi possível, esta integração tão grande entre as duas realidades? Primeiro porque existe hoje, nesse ambiente virtual, um oceano de dados que se denomina Big Data - big é grande, data é dado. Portanto, esse oceano de informações que está disponível na internet. A partir desse oceano de dados existente na internet, neste ambiente virtual, a gente passa a identificar o que chamamos de Internet das Coisas, o diálogo, a comunicação entre as máquinas, coisa que não havia até então. Um exemplo: quando pegamos uma caixinha de som, JBL, e a partir de um *smartphone* controlamos aquele equipamento mandando o comando para tocar a música que a gente deseja, isso é a Internet das Coisas. O *bluetooth*, por exemplo, é a internet das coisas. São as máquinas se comunicando. Na sequência veio o que se chama de *machine learning*. É a máquina aprendendo sem necessitar do comando humano. Quando falamos algumas coisas perto de um *smartphone*, muitas vezes ele consegue compreender aquilo e nos municiar com novas informações, muitas delas sobre comércio. Falamos sobre eletrodomésticos e passamos a ver anúncios de eletrodomésticos. O que é isso? É justamente o algoritmo que alimenta o *machine learning* entendendo o meio em que aquela máquina está e passando a interagir com o ser humano.

O *machine learning* evolui e nós chegamos à Inteligência Artificial. A Inteligência Artificial, vale dizer, não é uma coisa nova. Isso já existe há 30, 40 anos. O que não existia é a Inteligência Artificial pocket, no bolso, doméstica, em computadores pessoais. E isso só é possível graças a algumas ferramentas que foram criadas. A mais famosa é o ChatGPT, da OpenAI, que permitiu acessarmos a Inteligência Artificial por meio de aplicativos. E aí surge uma grande diferença entre a automatização, que a gente vê nas linhas de produção, e a automação. A automação é justamente essa máquina que raciocina por conta própria, esse *machine learning*. Vou dar um exemplo. Você tem um controle de ar-condicionado, liga o aparelho e ajusta a temperatura de acordo com a sua vontade. Isto é a automatização. A automação é você ligar o mesmo aparelho, ele medir a temperatura ambiente e ele próprio dosa para mais frio ou mais quente. Isso é a máquina raciocinando sem precisar do comando humano.

Eu vou citar algumas ferramentas, alguns aplicativos desse admirável mundo novo. E eu vou provocá-los no sentido de vocês raciocinarem se é possível viver hoje sem algumas delas.



Primeira: **Google**. Vocês imaginam a gente passar um dia sem isso? Sem dar Google em algo? Para mim é completamente impossível.



WhatsApp. É possível viver sem? Inclusive, o WhatsApp se transformou numa ferramenta profissional. Há pessoas que vivem disso. É

possível fazer comércio pelo WhatsApp. Há alunos nossos lá na faculdade a quem, às vezes, nós perguntamos assim: "O seu empreendimento, a sua loja, tem e-commerce?" Eles dizem: "Não, mas eu vendo pelo WhatsApp". Então, tem e-commerce.



Instagram. Pasmem. O brasileiro passa, em média, nove horas e meia por dia em redes sociais. É o segundo povo que mais passa tempo por dia em redes sociais no mundo. Nove horas e meia.



TikTok, que é uma outra rede social, de conteúdos menores.



LinkedIn, que é uma rede social corporativa. Eu conheço executivos que foram contratados para altos cargos pelo LinkedIn. Foram entrevistados pelo LinkedIn, impressionante isso.



Twitter - agora se chama **X**. Hoje a gente vê chefes de Estado fazendo política pelo Twitter. Vemos o Donald Trump mandando recados para outros chefes de Estado pelo Twitter, que é uma rede social.



Spotify, que é essa ferramenta de música muito interessante, porque possui Inteligência Artificial. Inclusive, te fala: "Olha, ouça essa playlist porque você gosta desse gênero musical". É impressionante.



Pix, que é uma tecnologia nossa, brasileira.



Google Maps

Google Maps. Eu sou um nativo digital e fico imaginando o que era viver, transitar, viajar sem um Google Maps. Ou sem o Waze, por exemplo. Esse mundo já existiu. 30, 35 anos atrás era esse o mundo, certo?



Uber, iFood. A quantidade de pessoas hoje que vivem tanto de Uber quanto de iFood.



Airbnb, gente, o que é isso? Vocês pegam, por exemplo, pessoas que tinham pensões, pequenos hotéis. O que o Airbnb impactou esse setor hoteleiro de alugueis?



Mercado Livre, que é um marketplace argentino, é um negócio impressionante. Você compra, paga em diversas prestações, recebe aquele produto em uma hora e meia, duas horas. Às vezes não paga nem pelo frete. Se tiver qualquer problema, você reclama ali e é respondido ali mesmo.



Tinder, que é uma outra rede social. Eu vi uma pesquisa dando conta de que, hoje, 75% dos novos relacionamentos, os namoros etc., nascem por meio do Tinder ou aplicativos semelhantes. As pessoas estão se conhecendo, começam a namorar, a se relacionar por esse tipo de ferramenta.



Zoom, outras ferramentas de interação síncrona, virtualmente síncronas, e que foram muito potencializadas pela pandemia - reuniões acontecendo, reuniões importantes de organizações como esta, acontecendo por aplicativos como o Zoom.

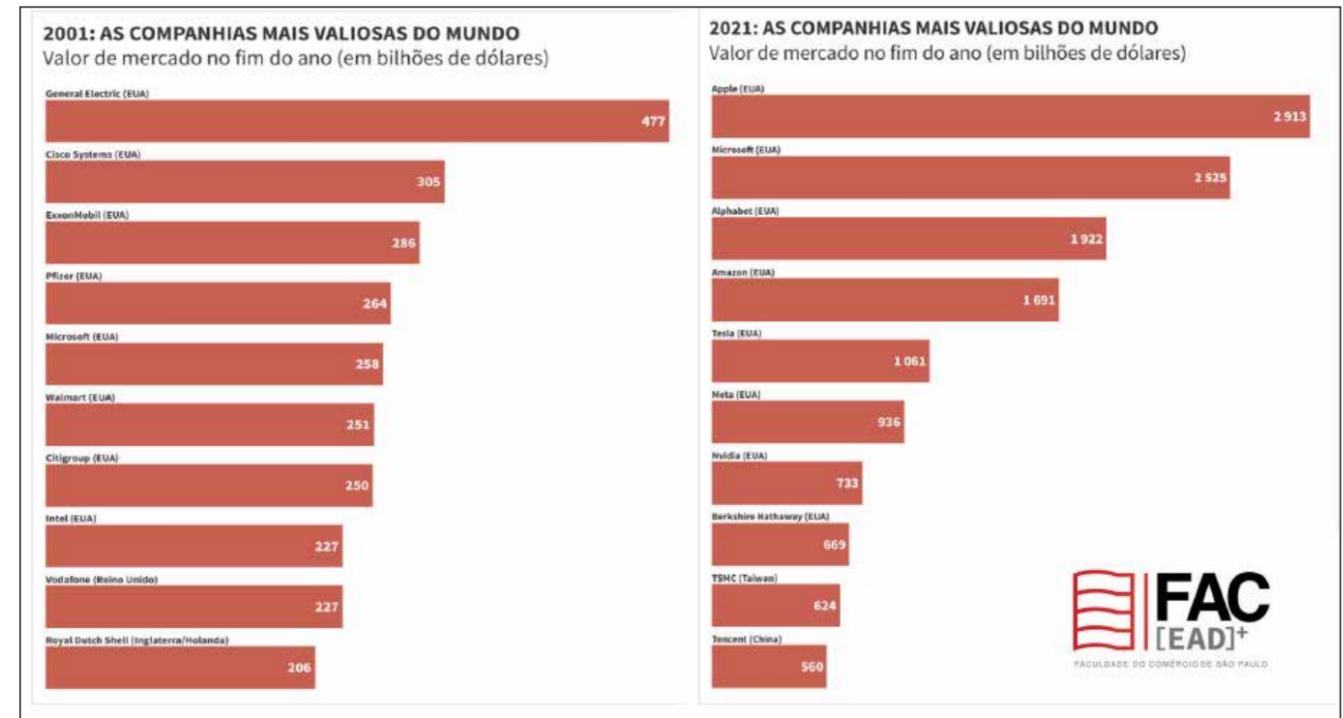


E mais recentemente, como eu disse há pouco, o **ChatGPT**, que é uma Inteligência Artificial acessível a todos.



YouTube. De todos esses, é o que mais me fascina. É uma enciclopédia. Antes nós tínhamos uma figura muito passiva em relação à comunicação, éramos obrigados a assistir aquilo que estava passando nos canais de TV. No YouTube, as pessoas vão naquilo que desejam, o conteúdo, o tema, o assunto. Então, realmente, essas tecnologias todas, essas ferramentas todas, impactaram muito a nossa vida e é o que eu chamo de admirável mundo novo.

E agora eu vou trazer uma análise de natureza econômica, para que os senhores vejam como de fato o mundo, o mercado, mudou brutalmente a partir deste admirável mundo novo. Em 2001, estas eram as empresas, as companhias mais valiosas do mundo, em bilhões de dólares: em primeiro lugar, a General Electric, que é uma fabricante de eletrônicos, de eletrodomésticos, 477 bilhões de dólares. Isso em 2001. Depois, a ExxonMobil, que é petróleo, combustível. Pfizer, indústria química. Walmart, varejo. Citigroup, mercado financeiro. O Royal Dutch, também petróleo. Então, 90% das empresas eram fabricantes de eletrônicos, petrolíferas, varejo ou instituições financeiras. Agora, vamos para 2021. Passados 20 anos, vejam como o mundo mudou. A empresa mais valiosa do mundo, a Apple. Agora, vejam a diferença. Em 2001, a empresa mais valiosa do mundo, a GE, valia 477 bilhões de dólares. Em 2021, a Apple vale 2 trilhões, 913 bilhões de dólares. É mais que o PIB de muitos países ricos.



Microsoft, Alphabet, Amazon, Tesla, Meta, quer dizer, praticamente todas as empresas lidam com este mundo digital, o mundo do big data, o mundo da internet das coisas.

Então, vejam como o mundo mudou. Em 20 anos, uma geração - mas que para o contexto da humanidade não é nada -, nós saímos das empresas mais valiosas do mundo, que eram de mercados tradicionais, varejo, bancos, indústrias, fomos para empresas de tecnologia. E aí vem uma notícia do FMI, que diz o seguinte: a Inteligência Artificial afetará 40% dos empregos no mundo, dos empregos ou das ocupações. Isso é verdade.

Recentemente eu testemunhei uma coisa que me impressionou muito. Nós fizemos uma convenção nacional de polos de Educação à Distância. Reunimos lá na Associação Comercial de São Paulo 135 polos de Educação à Distância. E a última palestra dessa convenção foi sobre a Inteligência Artificial ajudando, por exemplo, a captação de matrículas. E nós levamos um profissional que, em cinco minutos criou, com alguns comandos no ChatGPT, a partir de

dados que dei a ele - a Faculdade do Comércio, os cursos de Educação à Distância, os valores que praticamos --, uma campanha de marketing com as artes, vídeos... Todas as artes que vocês podem imaginar para uma campanha rodar em redes sociais. Ele criou essa campanha no ChatGPT em 5 minutos.

Eu estou dizendo isso por quê? Porque nós somos acostumados - mais vocês do que eu - a, toda vez que vamos acessar um serviço, ir atrás de uma agência, de um escritório. Por exemplo, marketing, publicidade. Você iria atrás de uma agência e de repente pagar muito dinheiro. E ia levar um mês, 20 dias, para devolverem uma campanha para rodar. E aí eu vou dizer novamente: um menino de 26 anos, diante de algumas informações que eu passei a ele, criou uma campanha da Faculdade do Comércio, para captação de alunos, em cinco minutos. E eu bati o olho e falei: "Isso faz sentido, daria para rodar isso tranquilamente". Inclusive, o nível estético daquilo era muito melhor do que muitas campanhas que já contratamos de agências. Isso é um exemplo que eu estou dando.



Na advocacia, o Roberto Ordine deve saber disso, nós já temos grandes escritórios em São Paulo contratando ferramentas de IA para criar peças processuais. Sobretudo nesses processos de massa, esses contenciosos de massa. Já existem ferramentas de IA que constroem as peças processuais sem precisar de um humano. Então, é por isso que o FMI fala que até 2030, é importante colocar esse marco temporal - até 2030 -, 40% dos empregos no mundo serão afetados pela IA. E quero mostrar uma conexão disso com a educação. São Paulo está sendo pioneiro no emprego da IA na educação. Temos uma notícia de 19 de maio que diz: “*Governo de São Paulo adota Inteligência Artificial para corrigir de-*

ver de casa dos alunos”. Uma ferramenta que está sendo utilizada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - o secretário **Renato Feder** está sendo pioneiro nisso. Então, os deveres de casa dos alunos já são corrigidos por ferramentas de IA.

Assim, estamos diante desse admirável mundo novo, que é justamente essa realidade “figital”, essa intersecção entre o mundo físico e o mundo digital, com todas aquelas ferramentas que hoje são indispensáveis à vida humana. Ora, qual é a habilidade fundamental para um profissional desse admirável mundo novo que a educação deve trabalhar? O profissional que não será substituído pela IA é aquele profissional que se identifica como um

solucionador de problemas complexos. Isso envolve o quê? Criatividade, tecnologia, pensamento crítico e humanidades. Ora, todos aqueles trabalhos, todas aquelas tarefas repetitivas que envolvem pouca intelectualidade, pouca criatividade, pouco pensamento estratégico, pouco pensamento crítico, esses trabalhos serão substituídos pela IA. Muito facilmente. Se uma IA consegue fazer o trabalho de uma agência de publicidade, imagine o que ela não vai fazer com trabalhos mais repetitivos, mais simples.

E aqui eu digo uma coisa muito importante. O PISA (*Programa Internacional de Avaliação de Alunos*) é a prova que avalia a educação dos países da OCDE (*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico*). E o Brasil está indo muito mal nessa prova, especialmente por conta desta habilidade que o PISA passa a avaliar e que hoje representa 51% do peso da prova, a criatividade. Qual é a importância dela? E aqui eu me baseio um pouco no que o **Andrea Matarazzo** fala sobre criatividade. A criatividade é uma habilidade crucial, que impulsiona a inovação, a resolução de problemas e a adaptação a mudanças. É tudo isso que a gente vive hoje: a resolução de problemas complexos, a inovação e a adaptação a mudanças. Tanto em contextos pesso-

ais quanto profissionais e educativos. Quando uma pessoa não é estimulada a esse pensamento crítico, a esta criatividade, vocês não de convir que ela tem pouco ferramental para encarar esses desafios todos que a vida de hoje apresenta. Na medida em que ela é estimulada a esse pensamento criativo, a esse pensamento inovador, e ela se torna mais adaptável, tem uma caixa de ferramentas muito maior. Portanto, o ferramental dela para o enfrentamento desses desafios no mundo contemporâneo é muito mais amplo. E é justamente por essa razão que o PISA passou a avaliar a criatividade com o peso 51% de quatro anos para cá.

E aí, eis mais uma notícia ruim para o Brasil: de 56 países, o Brasil está na 44ª posição. Quer dizer, nós não estamos estimulando os nossos alunos ao uso das tecnologias que levam à criatividade exigida hoje, ao pensamento crítico e, por consequência, a esse ferramental todo que é necessário para que um jovem não seja substituído, como diz o FMI, pela Inteligência Artificial.

Agora, vamos avaliar uma coisa que me parece muito importante. Quando pensamos em mercado de trabalho, empreendedorismo, o que existe de mais inovador? São os unicórnios. O que é um unicórnio?



É uma empresa, uma startup, que devido à sua inovação atingiu em menos de quatro anos o valor de mercado de um bilhão de dólares. E aí a Universidade de Stanford (*Estados Unidos*) foi entrevistar 1.263 fundadores de 521 unicórnios e perguntou a eles: diploma importa? Desses 1.263, apenas 56 deixaram a faculdade. 485 são bacharéis, 259 são mestres, 236 são MBAs e 286 são doutores.

Portanto, é claro que mesmo com toda essa inovação, a possibilidade de um jovem acessar o conhecimento sem necessariamente ter um professor diante de si, com esse mundo da informação, da tecnologia, eis que, para a esmagadora maioria desses fundadores de unicórnios, o diploma, sim, importa. A faculdade importa.

Mas vamos em seguida analisar, dado o pano de fundo desse mundo da tecnologia, dessa realidade digital e do impacto da Inteligência Artificial no mundo do trabalho, vamos entender o que a tecnologia impactou na educação superior no Brasil. O ensino superior tem registrado uma mudança na sua dinâmica, segundo o mapa do ensino superior que o Semesp publica todo ano. O que é o Semesp? O Sindicato das Empresas Mantenedoras de Ensino Superior. Enquanto as matrículas de cursos presenciais caíram 29,1% entre 2013 e 2023, as matrículas de cursos à distância cresceram 326% no mesmo período. Em 2024, o número de matrículas no ensino superior EaD está praticamente empatado com a quantidade de estudantes do modelo presencial.

Nós temos hoje, no Brasil, quase 10 milhões de brasileiros matriculados na educação superior. Hoje, são 5 milhões de brasileiros no presencial e 5 milhões de brasileiros na EaD. Portanto, em 2024, esses números já empatam. No último ENAD (*Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes*) realizado, que é a avaliação que o INEP aplica na educação superior brasileira, tanto particular quanto pública, verifica-se que 33,7% dos cursos à distância obtiveram conceitos 1 e 2, que são insatisfatórios.

Quando o curso é avaliado pelo INEP com nota 1 ou 2, abre-se um termo de compromisso com aquela instituição. Ela tem o prazo de até um ano para melhorar as condições daquele curso. Do contrário, o curso é fechado pelo Ministério da Educação.

Então vamos lá: 33,7% dos cursos à distância obtiveram conceitos 1 e 2, insatisfatórios, contra 28% dos cursos presenciais. Por que eu estou dizendo isso? Porque essa coisa que se fala, de que o EaD no Brasil é ruim, que o EaD no Brasil é o responsável pela precarização do ensino superior... está aí a evidência de uma prova aplicada pelo próprio governo: 33,7% dos cursos EaD tiraram conceitos insatisfatórios, 1 e 2 - as notas vão de 1 a 5 - e 28,2% tiraram também notas insatisfatórias em cursos que são presenciais. A diferença é muito pequena. Então, é uma prova aplicada pelo próprio governo que dá conta dessa situação.

E aí, dado todo esse contexto, vem o MEC e começa a criar o seu novo Marco Regulatório da Educação à Distância. Quais foram as mudanças implementadas? Nós tínhamos antes duas modalidades na educação superior brasileira. Nós tínhamos o EaD puro, podendo ser 100% de aulas gravadas, portanto assíncronas, e nós tínhamos o presencial. Pois bem, a partir desse novo decreto, nós passamos a ter, na Educação à Distância, uma limitação de apenas 80% da carga horária total do curso com atividades assíncronas, portanto, aulas gravadas. 10% deverão ser atividades presenciais nos polos de Educação à Distância e 10% poderão ser virtuais, ao vivo, síncronas, que é isso que a gente está fazendo aqui agora.

Portanto, aquele modelo de Educação à Distância 100% gravado, 100% assíncrono, deixou de existir. O MEC criou uma nova dinâmica de Educação à Distância, que são os cursos semipresenciais, que têm no mínimo 30% de atividades presenciais sendo realizadas ou na sede ou nos polos e 20% em atividades presenciais ou síncronas mediadas. O que é



MAS VAMOS EM SEGUIDA ANALISAR, DADO O PANO DE FUNDO DESSE MUNDO DA TECNOLOGIA, DESSA REALIDADE DIGITAL E DO IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO MUNDO DO TRABALHO, VAMOS ENTENDER O QUE A TECNOLOGIA IMPACTOU NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL. O ENSINO SUPERIOR TEM REGISTRADO UMA MUDANÇA NA SUA DINÂMICA, SEGUNDO O MAPA DO ENSINO SUPERIOR QUE O SEMESP PUBLICA TODO ANO. O QUE É O SEMESP? O SINDICATO DAS EMPRESAS MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR. ENQUANTO AS MATRÍCULAS DE CURSOS PRESENCIAIS CAÍRAM 29,1% ENTRE 2013 E 2023, AS MATRÍCULAS DE CURSOS À DISTÂNCIA CRESCERAM 326% NO MESMO PERÍODO. EM 2024, O NÚMERO DE MATRÍCULAS NO ENSINO SUPERIOR EAD ESTÁ PRATICAMENTE EMPATADO COM A QUANTIDADE DE ESTUDANTES DO MODELO PRESENCIAL.

síncrona mediada? São atividades virtuais ao vivo. Então, se nós somarmos os 30% das presenciais com as 20% das síncronas mediadas, a gente verifica que restam apenas 50% do EaD que a gente encarava como o EaD puro, que são as aulas gravadas.

Só para os senhores entenderem quais são esses jargões que a gente utiliza na linguagem do Ministério da Educação. Qual a diferença entre síncrona, síncrona mediada e presencial? Isso importa muito. A síncrona é justamente aquela que se faz virtualmente, ao vivo, só que sem o apoio pedagógico,

sem professores dando apoio. A síncrona mediada é a mesma atividade virtual, ao vivo, só que com a figura do mediador pedagógico, que é uma figura no meio da educação superior que o MEC criou a partir deste novo decreto. Enquanto que a assíncrona é aquela aula gravada, é o EaD puro.

Agora o MEC também passa a exigir, como eu disse há pouco, este mediador pedagógico. Então, temos o professor conteudista, aquele professor que pode gravar as aulas, e nas aulas síncronas, virtuais ao vivo, temos esse mediador pedagógico, que é o

professor que vai controlar o ambiente virtual de aprendizagem, com limite de até 70 estudantes por sala virtual.

As avaliações, ao menos uma avaliação por conteúdo curricular, passam a ser no polo e essa avaliação presencial deve ter um peso maior na composição da nota desses alunos. O MEC passa a dar maior foco na figura do polo, que deve ter uma estrutura mínima, com sala de estudo individual, laboratórios de informática, internet de alta velocidade e uma equipe de apoio presencial. Na verdade, essa infraestrutura dos polos sempre existiu, só que o MEC nunca avaliou. Agora passa a avaliar. Portanto, essa infraestrutura mínima passa a ser algo realmente a ser avaliado nos instrumentos regulatórios do MEC. E o prazo para essas adaptações é de dois anos.

Agora há um ponto sobre o qual eu quero fazer uma reflexão a partir do novo decreto que o MEC publicou. Dos 45 artigos desse decreto que cria um novo marco regulatório para a Educação à Distância, de 45 artigos, apenas dois tratam de ferramentas digitais e materiais didáticos digitais. Eu fiz toda uma introdução para dar um pano de fundo do que é este admirável mundo novo, certo? Este mundo da tecnologia, este mundo da Inteligência Artificial. Falei que o brasileiro passa, em média, nove horas e meia por dia em redes sociais. Falei sobre a internet das coisas, sobre o big data, o impacto disso na educação. Demonstrei como o EaD teve um crescimento brutal no Brasil ao longo dos últimos dez anos, de 326%. Portanto, fica claro que o jovem, a geração millennial, a geração Z, a geração alfa, não conseguem visualizar o mundo sem tecnologia. Não existe. Vem o MEC e cria um decreto que vem fazer mudanças na Educação à Distância, que é a educação mediada pela tecnologia. E dos 45 artigos deste novo decreto, apenas dois tratam de ferramentas digitais e materiais didáticos digitais.

Vamos ler esses dois artigos, para vermos como também não falam nada, falam o óbvio.

Artigo 25: *“Os materiais didáticos utilizados na Educação à Distância deverão refletir o planejamento pedagógico e a organização curricular do curso ou a unidade curricular em que estão inseridos, asseguradas a qualidade e a efetividade do processo de ensino e aprendizagem”*. Não quer dizer nada.

Artigo 26: *“As plataformas digitais utilizadas na Educação à Distância deverão facilitar o processo de comunicação, ensino, aprendizagem e avaliação e assegurar a interação pedagógica entre estudantes, professores e mediadores pedagógicos.”* Mais uma vez não fala nada. Não há nada de novo nisso.

Então, por que eu estou colocando este ponto aqui? Parece que nós, gestores públicos, educadores, lideranças políticas, devemos raciocinar sobre isto que o MEC vem tratando como o novo marco regulatório da Educação à Distância no Brasil, que vale dizer, já representa hoje metade das matrículas do ensino superior no País. Dos 10 milhões de estudantes do ensino superior, 5 milhões estão matriculados na Educação à Distância. Ele vai lá e cria um decreto. Tem 45 artigos esse decreto. Um decreto longo. Apenas dois artigos falam de tecnologia. Isso é um completo absurdo. É o Ministério da Educação não olhando para a frente, é olhando no retrovisor.

E agora eu trago para os senhores o que é a minha opinião particular sobre por que esse decreto vai na contramão do avanço das tecnologias e da educação do século 21. Nós soubemos que houve um diálogo muito grande entre sindicatos de professores com o MEC, no início do ano passado. Lembrem-se que foi em junho do ano passado, na portaria 528, que o MEC suspendeu a criação de novos cursos de EaD e de faculdades a operar o EaD - e novos polos. Então, isso foi em junho. Nós soubemos que no primeiro semestre - e se os senhores pesquisarem isso no Google, as notícias estão aí, disponíveis - o MEC começou a dialogar com sindicatos de professores

para entender como é que estava a vida deles, a situação deles. Eles, evidentemente, levaram para o MEC a situação da docência no século 21. Qual é essa situação? O professor que não se atualizar, o professor que não se adaptar a isso tudo que eu mencionei há pouco - o uso da Inteligência Artificial, o uso de todas as ferramentas que mencionei, o uso dos conteúdos que são gravados e que o aluno pode assistir a qualquer momento, de casa, do trabalho, do transporte... O professor que não se adaptar a essa nova realidade é um professor ultrapassado. E, infelizmente, muitos não se adaptaram a essa nova realidade e perceberam que estavam ficando para trás.

Com a Educação à Distância, surge uma figura nova no ensino superior, que é a do conteudista. Aquele professor que prepara um conteúdo, vai para um estúdio e grava aquela aula que vai ser disponibilizada em uma ferramenta virtual de aprendizagem. É assim que acontece o EaD. Muitos professores não estavam dispostos a ir para um estúdio, gravar, manusear ferramentas tecnológicas. E aí surge a novidade, a Inteligência Artificial, que pode impactar ainda mais a atividade desse docente. E eles, então, se organizaram com estes sindicatos e foram levar para o MEC uma série de queixas. E o MEC, portanto, resolveu criar um novo marco regulatório, não pensando no que o aluno deseja - o que o aluno deseja é este admirável mundo novo. E fez um decreto justamente olhando para o passado.

E aí eu trago uma frase de um intelectual brasileiro que eu aprecio muito, que é o Roberto Campos, não o neto, o **Roberto Campos** em memória, que diz o seguinte: “Infelizmente o Brasil nunca perde a oportunidade de perder oportunidades”. O MEC tinha tudo na mão para criar um novo marco regulatório do Ensino à Distância, tratando de Inteligência Artificial, tecnologias e ferramentas digitais, para propiciar a este jovem aquela habilidade que eu mencionei há pouco, a da criatividade. Essa



habilidade de saber manusear essa tecnologia toda a serviço do progresso da sociedade, da inovação, da criação de novos empreendimentos, de novos serviços, que é o que está acontecendo lá no Vale do Silício, na Coreia do Sul, na China. E no Brasil, quando há a oportunidade... os números estão crescendo. Se metade das matrículas hoje estão no EaD é porque a sociedade quer o EaD. Mas aí vem o MEC, com essa visão de que o Estado tem que asfixiar, uma coisa de cima para baixo, e fala: “Não, a gente vai voltar para aquela educação do passado, você vai voltar para o polo, você vai voltar para aquela aula presencial”. E que vale dizer, gente, essa coisa do MEC garantir a excelência, a qualidade, para mim é fundamental.

Agora, pensem só, em um ambiente virtual de aprendizagem, em uma plataforma de EaD, a aula está lá gravada. É muito mais fácil você medir a qualidade de uma aula que está ali disponível. Mas o MEC não está preocupado com isso. Ele quer atender demandas de sindicatos, de professores. Tem muito professor bom, tem muito professor que quer se atualizar, que quer progredir. Mas a gente sabe que muitos, com medo disso tudo, querem ficar no passado. Então, é por isso que eu digo, infelizmente, essa frase do Roberto Campos nunca fez tanto sentido. O Brasil nunca perde uma oportunidade de perder oportunidades.

E eu termino fazendo uma analogia que me parece também muito ilustrativa, que é a seguinte: imaginemos nós aqui, a gente deseja assistir a um documentário, um documentário da BBC, por exemplo, que produz coisas maravilhosas. E a gente resolve assistir esse documentário em uma ferramenta de *streaming*, em um *Netflix*, ou *Prime*, ou em uma *Apple TV*, de casa. Você tem ali uma ferramenta que permite uma experiência ótima. Você vai lá, assiste de casa, no seu conforto, sem precisar se deslocar, gastar com transporte. Pois aí vem o Ministério da Cultura e fala: “Não, assistir documentários numa ferramenta de *streaming* da sua casa, de jeito nenhum. Você não vai aprender direito assim. A sua experiência vai ser inválida. Você vai ter que ir até o cinema para assistir ao documentário”.

Mas eu acho que isso não faz sentido. De casa eu consigo aprender. Inclusive eu posso pausar, voltar, sair, fazer alguma necessidade. “Não, você vai até o cinema. Lá vai pagar para assistir, vai ter “N” pessoas penduradas que vão te garantir uma experiência melhor: o pipoqueiro, o cara que fica ali com aquele projetor, o que fica em frente à sala carimbando o seu *ticket*. Ali você vai ter uma experiência de aprendizagem melhor do que em casa”.

Gente, trocando em miúdos, é isso que o MEC está propondo para os alunos da educação superior brasileira, aqueles que encontram na Educação à Distância uma experiência de aprendizagem válida. Vou dizer uma coisa importante, já finalizando. Eu não incluo aqui, nesse elogio que faço às tecnologias na educação, os cursos laboratoriais. Medicina, enfermagem, fisioterapia, são coisas inconciliáveis. Você não tem como imaginar que um aluno de um curso de saúde, que precisa ter atividades laboratoriais, vai ter uma experiência satisfatória na Educação à Distância. É difícil. “Ah, porque tem simuladores”. Tem mesmo. Hoje em dia existem, mas são caríssimos. São impraticáveis. Agora, cursos de natureza expositiva, cursos te-

óricos, ora, qual é o problema de ser 100% à distância? O aluno que é mais humilde, que vive em grandes centros, que trabalha oito, dez horas por dia, depois vai ter que se deslocar mais uma hora, duas horas, para ir até uma faculdade. Isso é uma coisa inviável.

Então, assim fica claro que o Brasil, em vez de se preocupar com aquilo que realmente significa o progresso, o desenvolvimento, mais uma vez o Estado brasileiro dá ouvidos às corporações, aos sindicatos, que infelizmente não estão querendo o progresso. Eles estão preocupados com a manutenção do *status quo*. E isso é algo muito ruim. E tem uma coisa importante para a gente pensar aqui. Que vocês vão ver que não faz sentido mesmo. Pasmem. O curso de Direito, que é expositivo, teórico, são cinco anos praticamente de conteúdos teóricos. O curso de Direito foi incluído nesse rol de cinco cursos que não podem ter nem um por cento de carga horária EaD. Agora, Engenharia, as engenharias, que são laboratoriais, podem ser semipresenciais. Qual é a lógica? A lógica é o atendimento a órgãos de classe, entidades de classe, corporações, sindicatos. É isto. Os cinco cursos são enfermagem, psicologia, medicina, odontologia e direito.

Isso demonstra a total falta de sentido, a falta de rigor científico deste novo decreto. Não faz sentido, a não ser quando a gente pensa que é um atendimento a grupos. E quem na verdade se prejudica com isso tudo? É a sociedade, os alunos, aqueles com quem nós deveríamos, de fato, estar preocupados, facilitar a vida.

Sérgio Rondino - Em nome de todos os nossos consultores e colaboradores presentes, quero agradecer, Wilson, por sua presença e importante palestra aqui nesta reunião da fundação de estudos do PSD. E agradecer aos que acompanharam mais este programa “*Diálogos no Espaço Democrático*”. Muito obrigado.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Eduardo Pimentel Omar Aziz Otto Alencar Rafael Greca Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Antonio Brito Carlos Massa Ratinho Junior Eduardo Braide Eduardo Cavaliere Eduardo Paes Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Samuel Hanan Topazio Silveira Neto</p>
---	--	---

diálogos no espaço democrático - Coleção 2025 - EaD - EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD) Twitter: [@espdemocratico](https://twitter.com/espdemocratico)
 Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)
 Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum com Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br